

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
CENTRO INTERDISCIPLINAR DE NOVAS TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM MÍDIAS NA EDUCAÇÃO**

SIRLEY MORELLO CELLA

**O USO DO VÍDEO NAS CLASSES MULTISSERIADAS:
PROMOVENDO A AUTORIA**

**Porto Alegre
2010**

SIRLEY MORELLO CELLA

**O USO DO VÍDEO NAS CLASSES MULTISSERIADAS:
PROMOVENDO A AUTORIA**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como requisito parcial para a obtenção do grau de Especialista em Mídias na Educação, pelo Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – CINTED/UFRGS.

Orientadora: Valéria Machado da Costa, Msc.

**Porto Alegre
2010**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: Prof. Carlos Alexandre Netto

Vice-Reitor: Prof. Rui Vicente Oppermann

Pró-Reitor de Pós-Graduação: Prof. Aldo Bolten Lucion

Diretora do Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação:

Profa. Liane Margarida Rockenbach Tarouco

Coordenador(as) do curso de Especialização em Mídias na Educação:

Profas. Rosa Vicari e Liane Margarida Rockenbach Tarouco

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho ao meu filho Pedro Augusto por ele ser a razão do meu viver.

Aos meus alunos por serem fonte de inspiração e a mola propulsora à minha busca incessante pelo saber.

Aos meus colegas educadores, pela cumplicidade no ato de aprender e ensinar.

A todos que me fazem crer no meu potencial.

AGRADECIMENTOS

A conclusão deste trabalho, nas diversas etapas de sua estruturação, foi possível por conta da contribuição de muitas pessoas, que direta ou indiretamente auxiliaram, seja incentivando, colaborando na elaboração de atividades, orientando ou simplesmente pelo fato de me fazerem acreditar em mim e, efetivamente estarem presentes.

Um agradecimento especial à minha família, pelo companheirismo e o entendimento do quão me sinto feliz na condição de sujeito aprendiz.

À orientadora e doutoranda Valéria por acreditar no meu potencial enquanto educanda me permitindo concluir o projeto e por orientar o trabalho de conclusão com imensa capacidade.

À Dinalva, que na condição de amiga e colega de curso, foi persistente, organizada e por inúmeras vezes conduziu muito bem as atividades que havíamos em comum.

Aos alunos das escolas da zona rural do município de Santa Tereza pela colaboração e pela participação ativa durante a realização de todas as atividades propostas no Projeto “O uso do computador e vídeo nas classes multisseriadas”.

Aos educadores da rede municipal de ensino de Santa Tereza por comungarem o mesmo projeto e comprometidos com a educação de nossos educandos compartilharem os conhecimentos.

À amiga Ana Paula por sempre estar presente.

RESUMO

O presente trabalho teve por objeto de estudo analisar os desafios da educação nas escolas multisseriadas, assim como sua evolução histórica, sob a ótica da legitimidade e da identidade própria dessas escolas, além de evocar o entrelaçamento da mídia como ferramenta pedagógica. Ao elucidar as Diretrizes Nacionais para a Educação Básica nas escolas do meio rural, privilegiou-se o princípio que visa à adequação institucional das escolas do campo às políticas curriculares nacionais vigentes. Acenou-se, ademais, às ferramentas pedagógicas que justificam a centralidade dos pressupostos eleitos na tríade: tecnologia/multimídias/vídeo. Assim, a pesquisa teve por escopo analisar a mídia, como fonte de saber, edificando a prática pedagógica, sinalizando a importância da atuação do professor e suas competências em relação ao uso das mídias, sobretudo, na produção de vídeo na intenção de promover a autoria do aluno.

Palavras-chave: Multisseriadas, tecnologia, mídia, vídeo, pedagogia audiovisual.

ABSTRACT

The aim of this study is to analyse the education challenges in schools containing groups of mixed ages, as per their historical evolution, under the view of legitimacy and identity characteristic of these kinds of schools, alongside invoking the media as a pedagogical tool. The National Guidelines for Elementary Education in rural-area schools highlights the principal aiming to align rural schools with current national pedagogical policies. Furthermore, pedagogical tools, which justify the assumptions elected in the triad, such as: technology/multimedia/video. Thus, the research has as its main scope analysis of media as a source of knowledge, the building of pedagogical practices, highlighting the importance of teachers' performance and their competence in relation to the use of the media, above all, in producing a video with the intention of promoting students' authorship.

Key words: multi-year, technology, media, video, audiovisual pedagogy.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CD-ROM	Compact Disc Recordable
DVD	Digital Vídeo Disc
EMEF	Escola Municipal de Ensino Fundamental
LDBEN	Lei Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MEC	Ministério da Educação e Cultura
MOBRAL	Movimento Brasileiro de Alfabetização
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Reunião de Professores	38
Figura 2: Exposição do projeto aos educandos	39
Figura 3: Mapa Conceitual	39
Figura 4: Educadores e Educandos durante as oficinas e atividades	41
Figura 5: Professores na oficina de vídeo	42
Figura 6: Aluna da EMEF Hermínio José Casagrande filmando	42
Figura 7: Pirâmide do Aprendizado	43
Figura 8: Alunos durante a edição dos vídeos	45
Figura 9: Professores e alunos durante a edição dos vídeos.....	45
Figura 10: Alunos e professores assistindo aos vídeos editados	46

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 O DESAFIO DA EDUCAÇÃO NA ESCOLA MULTISSERIADA	15
2.1 Breve histórico da educação multisseriadas.....	15
2.2 Desafios do trabalho pedagógico nas classes multisseriadas.....	19
3 USO DAS MÍDIAS NA EDUCAÇÃO.....	24
3.1 O uso do vídeo como ferramenta pedagógica.....	29
3.2 Mídias como promotora de autoria no aluno.....	31
4 ESTUDO DE CASO: A CRIAÇÃO DE VÍDEOS PELOS ALUNOS DAS ESCOLAS DE SANTA TEREZA	36
4.1 O projeto “O uso de computador e vídeo em classes multisseriadas”	38
4.2 A criação dos vídeos	41
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	49
REFERÊNCIAS.....	53
APÊNDICE A - Projeto “O uso de computador e vídeo em classes multisseriadas”	55
APÊNDICE B - Cronograma.....	57
APÊNDICE C - Questionário docentes	58

1 INTRODUÇÃO

A educação é componente substancial de qualquer política de desenvolvimento, não só como bem em si, mas como eficaz instrumentação de cidadania. O centro da inteligência e o cerne da questão são o aprender a aprender, saber pensar, ser crítico e analítico. Esse deve ser o centro da educação e é dentro dessa perspectiva que o presente estudo alude o desempenho escolar tal qual se acredita que deva ser concebido.

Não é novidade que um novo cenário vem sendo conjugado neste milênio, caracterizado pelo ritmo acelerado das inovações tecnológicas e pela globalização. Nesse contexto, as mídias e as tecnologias surgem como estratégias para o setor educacional e tem-se pensado nelas como importantes aliadas ao fazer pedagógico.

Para tanto, o problema deste estudo gravita em torno de: É possível se utilizar mídias na educação, em especial o vídeo, para promover a autoria de alunos em classes multisseriadas? Nas palavras de Vieira (2002, p.15). "a escola deve acolher outros valores orientadores de seu trabalho educacional junto aos estudantes, ampliando a visão de mundo dos alunos, na expectativa de obter maior ressonância com a sociedade"

A hipótese é que é possível, por meio do uso das mídias, mais precisamente o vídeo, possibilitar a autoria dos alunos das classes multisseriadas.

A pesquisa centraliza-se em conduzir à práxis docente em um processo colaborativo, ou seja, planejar e desenvolver ações, em conjunto; pois, torna-se necessário compreender que o fenômeno tecnológico, abrange e articula as experiências mais significativas às pessoas, sejam elas experiências pessoais ou coletivas. "Ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo" (FREIRE, 1993, p. 9).

O presente trabalho teve por objetivo geral integrar valores na educação, colocando o educando diante de problemas atuais, criando possibilidades às

possíveis soluções através da utilização das mídias, com foco direcionado ao vídeo, para assim, torná-lo um sujeito capaz e autor de seus próprios conhecimentos.

Os objetivos específicos, por sua vez, convergem-se na reiteração de:

- Engajar o educando num processo de envolvimento relativo à própria aprendizagem, impulsionando-o à descoberta do outro (colega) como parceiro a fim de estabelecer-se em uma rede de cumplicidade;
- Vislumbrar a autoria, através da utilização das mídias, como possibilidade didática e pedagógica em sala de aula, tanto por parte do educador quanto do educando.
- Inserir, na sala de aula, o acesso à tecnologia de informação e comunicação e, sobretudo, saber utilizá-la para a busca e a seleção de informações que permitam compreender o mundo e atuar na transformação de seu contexto;
- Examinar e explicar as opiniões, sentimentos e atitudes dos docentes acerca dos problemas que lhe são postos;
- Saber ouvir e respeitar a opinião alheia, argumentando e reconsiderando os próprios valores, sentimentos e atitudes.

Perrenoud (2000, p. 128) leciona “formar para as novas tecnologias é formar o julgamento, o senso crítico, o pensamento hipotético e dedutivo, as faculdades de observação e de pesquisa, a imaginação, a capacidade de memorizar e classificar”.

Nessa perspectiva, a metodologia constituiu-se de um método prático/experimental com experiências vividas, confrontadas e contextualizadas ao pluralismo de nossa sociedade atual. As etapas da pesquisa foram:

- Realização de um estudo bibliográfico na busca de construir instrumentos que possibilitaram alicerçar os enfoques que nortearam os objetivos deste projeto.
- Elaboração do Projeto: O uso de computador e vídeo em classes multisseriadas (Apêndice A), este elaborado e executado pelos professores e alunos da rede municipal de ensino do município de Santa Tereza/RS.
- Elaboração de um questionário direcionado aos docentes (Apêndice C) com o objetivo de obter um breve relato da experiência realizada em cada escola.

- Realização de oficinas do *software Paint* e programas do computador Microsoft Word, Microsoft Power Point, do uso da máquina fotográfica digital para fotografias e filmagens e do programa Movie Maker para edição dos vídeos.
- Execução do projeto junto aos alunos.

O primeiro capítulo traz um breve histórico sobre classes multisseriadas, essas que, nos dias atuais, ainda são a realidade das escolas municipais, localizadas no meio rural do município de Santa Tereza/RS. Também se relatam brevemente os desafios pedagógicos encontrados nessas classes, onde as idades, as séries, os anos e os saberes se mesclam para dar conta de uma demanda oriunda das famílias que residem na zona rural.

Entendendo que educação não pode ter mais a mesma cara, não pode ser procedida no sentido de mensurar os alunos, acreditando-se no poder de classificar indivíduos como “fracos”, “fortes”, “inteligentes”, desrespeitando assim diferenças, sejam elas culturais, sócio-econômicas ou outras.

Efetivamente, a escola “atual” precisa rever suas diretrizes, seus recursos e possibilitar o avanço de ideias e de visões de mundo que correspondam com as expectativas que a sociedade requer, dados os avanços tecnológicos. Precisa-se, ademais, de uma educação que tenha como característica o fazer e o refazer contínuos, transformando o erro em algo que pode ser revisto e reformulando-o para produzir novos saberes.

No segundo capítulo, relata-se o uso das mídias e tecnologias na educação, elencando fatores benéficos e atraentes ao ambiente alfabetizador. Pontua-se o uso do vídeo como recurso didático-pedagógico desde que ancorado em objetivos claros e planejamentos condizentes ao que se propõe a escola, evidenciando a questão da formação do educador e sua atuação profissional.

Sabe-se as múltiplas possibilidades que a tecnologia pode alcançar no trabalho pedagógico com o aluno, seja em atividades ou em praticidade de se desenvolver as ações pedagógicas, além da comunicação e acesso que viabilizam a transposição dos trabalhos pedagógicos aplicados no cotidiano da sala de aula.

Essa evolução tecnológica permite à tomada de consciência da importância de incorporá-la à prática pedagógica e ao contexto da sala de aula, bem como da

necessidade de envolver os nossos educandos a participarem do processo de construção do saber, por via das atividades que lhes são conferidas, assim levando-os à percepção de que o papel do educador não é só promover unilateralmente as condições de ensino/aprendizagem e sim de que esse é um processo que pode ser construído por vias de mão dupla.

Por isso, contempla-se, no capítulo 3, um estudo de caso realizado com os educandos e educadores das escolas multisseriadas. A partir de um projeto elaborado, onde inúmeras foram as ações realizadas no intuito de promover a autoria dos discentes e docentes, através do uso das mais diversas mídias e tecnologias, pontuando neste trabalho especificamente a criação do vídeo, onde se fez uma explanação de como, efetivamente o planejamento foi executado.

Nessa perspectiva deu-se espaço à ideia que se desenvolveu nos parágrafos precedentes: o uso da tecnologia pela escola como um processo de aprendizagem, caracterizado pela solução que seus atores oferecendo soluções a múltiplos conflitos. Nessa esteira vale salientar que conhecimento tecnológico deve caminhar paralelamente ao convívio do coletivo em utilizar os recursos, como se observou neste estudo.

Levando em consideração o sentido de produção conjunta é possível afirmar que o grupo envolvido nesse estudo foi sustentado por motivações e interações as quais se desenvolveram numa ação de parcerias para dar suporte aos papéis de acordo com o eixo estabelecido, em cada momento do trabalho desenvolvido, os educandos, com interesses e objetivos afins, direcionaram todo empenho em atingir um objetivo comum.

2 O DESAFIO DA EDUCAÇÃO NA ESCOLA MULTISSERIADA

No aspecto etimológico, o termo multisseriada deriva de dois vocábulos de função distinta: multi (aumento manifesto de vários modos, variação) e *série* (conjunto ordenado de fatos, sequência). Convencionou-se chamar de multisseriadas as escolas cuja realidade abriga várias séries – historicamente falando, do ensino primário. Seu objetivo geral, num passado não muito remoto, calcava-se na busca da redução das desigualdades, tendo como fio condutor estratégias de atuação voltadas aos setores de baixa renda, no caso em estudo, das populações rurais.

As multisseriadas são, pois, escolas localizadas na zona rural. Tais escolas dão espaço a várias séries num mesmo espaço/tempo, no qual se caracteriza o desafio maior, pois o problema não se centraliza nos conteúdos a serem ministrados, mas nas dificuldades individuais, advindas de uma série ou de fatores tanto endógenos como exógenos aos educandos.

Nessa predominância, ajustam-se a faixa etária, níveis de conhecimento, entre outros, e é por isso que se estabelecem os desafios, pois o trabalho do professor, nessa condição, fica multiplicado, oferece uma diversidade de planejamento, o que procede na precarização dos resultados.

2.1 Breve histórico da educação multisseriada

A revolução de 30 foi marcante no aspecto reformulativo do Estado como um todo relativamente ao que concernem seus deveres. Na constituição de 1934, cimentava-se um Plano Nacional de Educação, aliando-se a uma base educacional sólida, reafirmando a responsabilidade do poder público para com a mesma. Nessa mesma diretiva, a década de 40 registra um olhar mais significativo para com a educação.

Já em 1952, ocupava espaço a Campanha Nacional de Educação Rural, “missões rurais” que objetivavam formar lideranças para operarem como agentes de

melhoramento da qualidade da vida da comunidade. Segundo Beiseigel (2003, p. 21) “as missões rurais atuavam com prazo limitado nas localidades, em articulação com as autoridades locais, igrejas, associações, escolas e outros serviços sociais eventualmente existentes”. Assim, motivou-se também a Campanha de Erradicação do Analfabetismo.

Nesse sentido, as campanhas na área da alfabetização tal como Campanha Nacional de Erradicação do Analfabetismo, instituída pelo Ministério da Educação e Cultura deu vida à outra: EDURURAL (Campanha Nacional de Educação Rural).

Para Madeira e Melo (1985, p. 119) o EDURURAL elege como prioridades:

- A melhoria das condições de ensino predominantemente nas quatro primeiras séries do 1º grau a partir da adequação curricular e dos demais materiais de ensino-aprendizagem às peculiaridades do meio rural; da preparação dos recursos humanos; da implementação de serviço de supervisão pedagógica e da dinamização das ações de apoio ao educando;
- A melhoria da rede física visando à redução do déficit de escolarização e extensão da escolaridade atingindo, no mínimo, a 4ª série do 1º grau;
- A educação de adultos, visando proporcionar à clientela de 15 anos e mais, uma formação geral aliada à capacitação para o trabalho e à organização da comunidade;
- O fortalecimento do processo de expansão e melhoria da educação no meio rural.

Assim, a educação popular, suscitada nos movimentos libertários de educação, sustentava a ideia de igualdade, no desejo de suprir os direitos aos menos privilegiados economicamente, seja: das regiões periféricas e do meio rural. A partir disso, surgiam então os congressos, pontuando um novo jeito de pensar a educação.

Nesse sentido, Madeira e Mello (1985, p. 15) discorrem

Há sintomas de que se fecham espaços para o direito de preferir e lutar por propostas alternativas de educação do povo, e por concepções diversas de democracia e de educação popular. Será necessário não nos empolgar com os novos ventos, novas crenças, quando permanecem inalteradas as mesmas correntes que já afundaram tantos sonhos de democracia e de escola para todos.

Eis então que a ditadura militar pautou na esfera educacional o desmantelamento da educação popular e como provimento desse evento surgiu o

MOBRAL (Movimento Brasileiro de Alfabetização), que pressupunha romper em dez anos com o analfabetismo, senso sustentado por três pilares norteadores.

- a) O paralelismo em relação aos demais programas – seus recursos eram independentes de verbas orçamentárias;
- b) Organização operacional descentralizada – Comissões municipais para executar a campanha nos diversos rincões dos municípios.
- c) Centralização da direção do processo educativo – encarregado da organização, programação, execução e avaliação do processo. (BRANDÃO, 2001, p. 55).

Nesse ínterim, é preciso lembrar que a ditadura militar delineava as incertezas inerentes aos processos educativos, pois os governos militares exerciam total controle sobre a população civil.

O Brasil (1964) assim como países importantes da América Latina (Argentina 1966, 1970 e 1976; Chile e Uruguai, 1973) tem enfrentado nas duas últimas décadas regimes políticos autoritários e uma estrutura econômica injusta e desigual. As políticas implementadas pelos governos militares nestes países, dentre suas várias características, procuraram sempre controlar a população civil, principalmente aqueles excluídos dos possíveis benefícios que o regime imposto poderia oferecer, através da coerção e da desmobilização política. (MADEIRA & MELO, 1985, p. 193)

O MOBRAL foi um movimento que estava fadado ao fracasso e distante de cumprir seu papel de alfabetizar milhões de pessoas. Conferiu-se, portanto, aos anos 70 e 80 uma marca pela suplência que tinha como princípio básico o ensino primário, visando à aproximação com o ensino básico concernente à educação de adultos. Assim, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971) dava vida ao Ensino Supletivo, com intuito de aceleração (quatro anos em quatro semestres), tendo como foco a flexibilidade em relação ao Ensino Regular.

Entre os anos 80 e 90 pautaram-se marcas de transformações relativamente ao que concerne a educação popular, pois, os educadores que estavam retraídos pelo regime militar voltaram a atuar mais especificamente na educação de adultos, acabando, assim o MOBRAL, mais especificamente em 1985. (ARANHA, 1989 p. 260-262)

Nessa época, as mudanças relativas à educação vislumbraram um agravante à exclusão social, pois as transformações aceleradas que caracterizam o processo de reestruturação do capitalismo no mundo desenharam um fenômeno

visível na América Latina, nessas décadas de 80 e 90. O momento requeria novas formas de conhecimento, uma vez que o processo de produção também ensejava novos processos (ARANHA, 1989).

Eis, então, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, sob nova redação, (Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996): “A educação básica tem por finalidades desenvolver o educando, assegurar-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores.”

Nessa mesma diretiva, o artigo 32 da referida Lei, assegura que

O ensino fundamental, com duração mínima de oito anos, obrigatório e gratuito na escola pública, terá por objetivo a formação básica do cidadão, mediante:

I- o desenvolvimento da capacidade de aprender, tendo como meios básicos o pleno domínio da leitura, da escrita e do cálculo;

II- a compreensão do ambiente natural e social, do sistema político, da tecnologia, das artes e dos valores em que se fundamenta a sociedade;

III- o desenvolvimento da capacidade de aprendizagem, tendo em vista a aquisição de conhecimentos e habilidades e a formação de atitudes e valores;

IV- o fortalecimento dos vínculos de família, dos laços de solidariedade humana e de tolerância recíproca em que se assenta a vida *social*. (BRASIL, 1996, p. 55)

Em seu turno, ainda a mesma Lei, nos incisos do artigo 28, citado alhures, enfatiza as peculiaridades da vida rural e a promoção de adaptações inerentes à realidade de cada região, além disso, as metodologias, a organização escolar e conteúdos devem privilegiar a educação rural. Essa questão, por si só traduz certa fragilidade, uma vez que com o ascendente êxodo rural, por mais que se trate da alfabetização desses educandos, impõe o cumprimento de desafios mediante promoção de uma educação que contemple a sociedade como um todo e não como um particular, sociabilizado num contexto fechado.

Nessa dinâmica é que se fundem os objetivos do rural e do urbano; do rural e do social; do rural e do real: uma só voz para ambas as classes: “multisseriada” e/ou “unisseriada”. Ademais, se a intenção é promover a desigualdade que não a façamos no sentido de considerar a zona rural um espaço à parte, haja vista que em

muitos casos a criança do interior utiliza-se de meios e condições bem superiores a de muitos que vivem no seio da urbanidade; outra razão é a de que cedo ou tarde essas crianças estarão em séries subsequentes promovidas no ambiente urbano. Assim, frente ao exposto registra-se a crítica, no contexto histórico das multisseriadas, exatamente por entender um pouco mais a trajetória da educação, especificamente a “rural”.

2.2 Desafios do trabalho pedagógico nas classes multisseriadas

Os desafios das escolas multisseriadas devem-se a múltiplos fatores, e para tecer considerações nesse sentido, vale dizer que cabe a quem realmente atua nesses espaços, porque, como diz o ditado, “falar é fácil, fazer, todavia, é bem diferente”; em outras palavras, a teoria dissociada da prática já nasce morta. E, em uma perspectiva de educação multisseriada, as condições devem estar categorizadas em bases sociais, econômicas, culturais e políticas, estruturalmente, igualitárias, com valores comuns sobre a vida do educando e que as dimensões pedagógicas correspondam aos anseios da sociedade contemporânea.

Molinari (2009) descreve:

[...] Quando se deparam com crianças de várias séries ou ciclos, com diferentes necessidades de aprendizagem, dividindo o mesmo espaço, os docentes pensam que a solução é fazer planejamentos distintos para cada grupo. Porém essa nunca foi uma estratégia eficiente, pois, o professor, durante a aula, precisa correr de um lado para outro, tentando atender a todos e obviamente, ele não dá conta de acompanhar o desenvolvimento de todos os trabalhos. (MOLINARI, 2009, p. 32)

Essa é uma leitura típica de quem conhece a sala de aula de uma realidade que, provavelmente, faz parte de outra conjuntura, de outra cultura, porque, hoje, qualquer professor, de séries iniciais e/ou ensino fundamental, seja no campo ou na cidade, corre de um lado para o outro para acompanhar o desenvolvimento dos trabalhos. Quem vive essa experiência sabe que essa é uma exigência, não suscitada pelas literaturas que regem o trabalho docente, mas solicitada pelos próprios educandos.

O dilema não é o movimentar-se, tampouco as outras demandas administrativas e suas mazelas, mas sim pela demanda de uma ação pedagógica

mais eficiente quando da apropriação da leitura e da escrita, quando das dificuldades de ensino/aprendizagem apresentadas pelos alunos requerem um olhar mais individualizado.

Nesse sentido, giza-se as palavras de Bruner (2001, p. 97) que diz:

Diferentes culturas tratam tais questões diferentemente. O que todas têm em comum é o dilema da imperfeição: manter a fé na habilidade de mudar para melhor embora se saiba que um final definitivo e estabelecido jamais pode ser atingido.

Nessa perspectiva, apóiam-se as palavras de Arroyo (2000, p. 42):

Ser mestre, educador é um modo de ser e um dever-ser. Ser pedagogo de nós mesmos. Ter cuidado com o nosso próprio percurso humano para assim podermos acompanhar o percurso das crianças, adolescentes e jovens. É uma conversa permanente com nós mesmos sobre a formação.

Sabe-se que hoje, na era das diversidades, multiplicam-se as culturas e, nesse sentido, repousam os cuidados com que o educador obriga-se revestir, ao repassar seus conteúdos, valores e abordagens preconizadas pelos temas transversais, pois as razões que movem as escolhas e as particularidades que cada aluno traz consigo envolvem uma bagagem familiar a qual deve ser respeitada.

Nesse sentido, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN/MEC), em um dos temas transversais propostos, assevera:

O desafio da Pluralidade Cultural é respeitar os diferentes grupos e culturas que compõem o mosaico étnico brasileiro e mundial, incentivando o convívio dos diversos grupos e fazer dessa característica um fator de enriquecimento cultural. Com ela propomos os respeitar as diferenças, enriquecer-se com elas e, ao mesmo tempo, valorizar a própria identidade cultural e regional. Também lutar por um mundo em que o respeito às diferenças seja a base de uma visão de mundo cada vez mais rica para todos nós. Essas são as questões mais importantes que o século XXI suscita e sobre a qual cada um de nós pode e deve refletir. (BRASIL, 1997, p.84)

Outra preocupação no âmbito educacional, relativamente à educação básica para a população rural, deve-se ao fenômeno da desigualdade, com vínculo ao desafeto, pois este não é um descaminho de apenas uma diversidade, curso, série ou escola, mas sim, é de um meio educacional, inserido em um sistema social que impõe certas práticas como “a socialização das crianças por meio de sua participação e inserção nas mais diversificadas práticas sociais, sem discriminação

de espécie alguma” (PCNs, 1997, p. 13) promulgadas por uma política pública que não se sustenta.

Isso posto, cabe, ademais, salientar que as classes multisseriadas são, muitas vezes, entendidas como estratégia para se manter o aluno das áreas rurais na sala de aula. Nesse entendimento é que esse modelo de organização é considerado ineficiente, uma vez que não é tão simples trabalhar, concomitantemente, com várias séries. Além disso, o resultado deste processo pode se traduzir numa aprendizagem com lacunas a serem manifestadas em séries subsequentes.

Pedro Demo (2000, p. 146) em suas sábias palavras diz: “Os avanços da tecnologia ganham velocidade exponencial, mas nem por isso perde-se o bom senso e a sabedoria dos limites e dos desafios”. Isso quer dizer que entramos numa nova ordem global, e não podemos sacrificar, ainda mais, os menos privilegiados.

Nessa mesma diretiva, o mesmo autor afirma:

Esse pano de fundo da incerteza e da fragilidade das coisas é o ambiente natural do conhecimento e da aprendizagem [...], quanto mais o conhecimento avança, em vez de localizar um ponto de chegada cada vez mais próximo, divisa horizontes mais abertos, que convidam ao não desistir de aprender permanentemente. (DEMO, 2000, p. 147).

Por esse mesmo viés, alude-se que compete ao Poder Público rever suas diretrizes, levantar as questões que polarizam - registram essas análises - e buscar inserir as possibilidades de acerto ou benefício à educação das áreas rurais, a fim de erradicar de seu desempenho esse caráter discriminatório, estabelecendo formas que deem sentido à integridade para se refletir em uma educação de qualidade.

Em que pesem tais possibilidades, vale ressaltar que

É possível dar boas aulas para turmas multisseriadas mesmo sem estar vinculado ao programa escola ativa. O primeiro passo é buscar capacitação. A rede de ensino deve oferecer cursos, assim como material didático. Procurar experiências que sirvam de inspiração e embasamento teórico para lidar com a heterogeneidade é também um bom caminho. (CAVALCANTE, 2004, p. 50).

O material disponibilizado pelo MEC – Guia para a Formação de Professores da Escola Ativa (2005, p. 48), conceitua Escola Ativa, sendo:

[...] uma proposta metodológica voltada para a gestão de classes multisseriadas, que combina, em sala de aula, uma série de elementos e

instrumentos de caráter pedagógico/administrativo, cuja implementação objetiva aumentar a qualidade do ensino oferecido naquelas classes.

A propósito, a Lei das Diretrizes e Bases assevera, em seu artigo 28, que

Na oferta de educação básica para a população rural, os sistemas de ensino promoverão as adaptações necessárias à sua adequação às peculiaridades da vida rural e de cada região, especialmente: I - conteúdos curriculares e metodologias apropriadas às reais necessidades e interesses dos alunos da zona rural; II - organização escolar própria, incluindo adequação do calendário escolar às fases do ciclo agrícola e às condições climáticas; III - adequação à natureza do trabalho na zona rural. (BRASIL, 1997, p. 49).

Considerando-se que o trabalho nas séries multisseriadas se desenvolve em uma dinâmica que entrelaça muitas das atividades, abarcando todas as séries, impõe-se dar sentido ao trabalho de monitoramento que existe neste contexto multisseriado, uma vez que, comumente, os alunos que melhor se destacam auxiliam os que mais apresentam dificuldades, desta forma, dando fortalecimento ao olhar múltiplo que o educador é compelido dispensar ali. Assim se constituem também os vínculos humanos, trata-se de uma interação que motiva a troca de papéis, além de aproximar-se mais afetivamente do outro.

Por oportuno, Aquino diz:

[...] A escola representa uma modalidade específica de relação entre sujeito e objeto de conhecimento, resultante de um determinado processo histórico de construção dessa instituição, **que pode ser mais ou menos compartilhada pelos alunos e seus familiares**. A falta de compatibilidade entre o que é pretendido pela escola e o que é desejável, ou possível, para seus alunos, acirrada pelo processo de democratização do acesso de diferentes grupos à escola, é fonte indiscutível de fracasso escolar [...]. (AQUINO, 1997, p. 46, **grifo é nosso**).

Nessa perspectiva, o presente estudo colaciona, em seu bojo, tecer as possíveis transformações e oferecer caminhos à estrutura pedagógica das realidades multisseriadas. E, como objetivos específicos: conceituá-las, e promover espaços para que a tecnologia seja entendida como uma ferramenta capaz de ajudar a desenvolver o ensino/aprendizagem, ou numa linguagem dialética, ajudar o nosso aluno a construir o seu próprio conhecimento.

Sendo assim, não há por que negar que as escolas, elencadas neste estudo, podem exercer o seu fascínio tanto na teoria quanto na prática concorrendo, assim, com meios de comunicação mais modernos e sofisticados, para abrir um canal

profundo de diálogo, inclusive com outras instâncias educacionais, visando à consequente força libertadora e à compreensão da relação sociedade-ético-política.

Há alguns anos, o surgimento de um novo paradigma relacionado aos desafios educacionais apresenta-se como a busca de soluções para o impasse no planejamento pedagógico: o uso das mídias na educação. Esse mecanismo tem-se apresentado como ferramenta capaz de reacender a eficiência pedagógica que é conferida ao docente, através das relações e possibilidades que se podem promover aos educandos, também capaz de reeducar o olhar do professor e todos os seus sentidos, para, assim - além do que é comum - impulsionar o aluno para sua própria autoria.

3 USO DAS MÍDIAS NA EDUCAÇÃO

O cenário educacional ocupa-se, nos últimos anos, de uma legitimação de significados para condizer com os pressupostos da crescente ordem tecnológica. Assim, sendo, as instituições educacionais precisam rever suas diretrizes, seus recursos e possibilitar o avanço de ideias e de visões de mundo que correspondam a esses avanços. Precisa-se de uma educação que tenha como característica o ver-se e o rever-se, numa dinâmica contínua, transformando o passado em presente se reformulado instantaneamente para produzir novos saberes.

O tema transformação tem vínculo direto com o saber científico e tecnológico, pois estabelece uma analogia com o que tradicionalmente utilizava-se para definir critérios e organizar conteúdos pedagógicos, em função disso, as finalidades do ensino se convergem para métodos que estejam inseridos numa estrutura de ordem participativa, onde o aluno constrói seus conhecimentos ancorado nas experiências do seu educador.

Nas palavras de Demo (2000, p. 11)

[...] Professores e alunos fazem parte de um grupo de estudos; aqueles dotados de autoridades de quem já andou um caminho mais longo, os outros com vontade de aprender com seu estímulo. O professor não dá aula, no sentido tradicional, porque repassa conhecimento que todo mundo pode encontrar em qualquer canto é algo pouco inteligente, mas “orienta” os alunos, na função de facilitador[...]

Nessa mesma direção, vale ressaltar o pensamento de Gadotti (2000), algumas categorias não podem deixar de ser analisadas, discutidas e evidenciadas nos processos educativos contemporâneos. Entre essas categorias estão a contradição, a determinação e a mudança. O autor salienta que a importância de mudar a concepção sobre os conceitos como a cidadania a virtualidade e a globalização torna-se imperiosa, pois assim estar-se-á fundamentando a educação do futuro e isso remete a uma pedagogia mais eficiente.

Em outras palavras, afirma o autor ser necessário entender que o processo de globalização está mudando vários setores, tais como a economia, a história, a

política e, conseqüentemente, a educação. A globalização integra e, ao mesmo tempo, diferencia, pois o global e o local se fundem para transformar uma nova realidade.

Desse modo, discutir o aprendizado organizacional (o planejamento do projeto político pedagógico que deve ser construído coletivamente e também do plano de trabalho do professor, ou seja, como se organiza o ensino aprendizagem) de forma ampliada exige, também, introduzir mudanças de todo o tipo, desde alterações conceituais e estruturais, como, por exemplo, o que a escola qualifica por infra-estrutura – biblioteca, TV, vídeos, sala de conferência e outros recursos – de modo a promover a facilidade para o uso.

Assim, a proposta de uma escola pressupõe uma mudança cultural, envolvendo os dirigentes e seus colaboradores no processo de formação contínua, visando conscientizá-los da necessidade de rever o seu papel frente às novas responsabilidades que lhes cabem.

Salienta Perrenoud (2000, p. 132)

É pouco provável que o sistema educacional imponha autoritariamente aos professores em exercício o domínio dos novos instrumentos, ao passo que, em outros setores, não se abrirá mão desse domínio. Talvez isso não seja necessário: os professores que não quiserem envolver-se nisso disporão de informações científicas e de fontes documentais cada vez mais pobres, em relação àquelas às quais terão acesso seus colegas mais avançados. Não se podem excluir os paradoxos: alguns daqueles que têm os meios de um uso crítico e seletivo das novas tecnologias irão manter-se à parte, ao passo que outros se atirarão a elas de corpo e alma, sem ter a formação requerida para avaliar e compreender [...].

As tecnologias se tornam recursos interessantes quando estabelecem clareza, com uma proposta pedagógica de ação conjunta, pois a educação em si é um processo que viabiliza o saber tanto na esfera das ciências exatas quanto das humanas em níveis cada vez mais profundos e edificantes entre todos os participantes, fundamentalmente professores e alunos.

Integrar as novas tecnologias da informação e da comunicação ao cotidiano resulta na mudança do modo de ensinar e de administrar a cultura escolar, o que permite realizar muitas atividades ancoradas por reforços das mesmas, podendo-se unir professores, alunos e todos envolvidos no contingente escolar desenvolvendo, assim, um trabalho de acesso às mais diversas culturas.

A mídia, como fonte de saber, institui problemas e também oferece caminhos e motivos à reflexão. Gadotti (2000, p. 251) versa que “a substituição de certas atividades humanas por máquinas acentuou o caráter cognitivo do fazer. O fazer deixou de ser puramente instrumental”. Evidencia-se, portanto, a importância da atuação do professor e respectivas competências em relação à mobilização e emprego das mídias.

Sob esse aspecto, é preciso ter consciência de que não se pode ministrar ações pedagógicas, se não existir um sistema de informações eficiente, que nos forneça todos os dados de que se necessita para tornar as aulas mais atraentes e, sobretudo, significativas.

Impõe-se, outrossim, pensar em sistemas modernos de gestão político escolar, nos quais estejam ao alcance de todos um conjunto de informações organizadas e atualizadas, tendo em vista que muito se fala em informação/informatização, demandadas pela volúpia da modernidade, porém, não pode-se negar que, muito frequente nos deparamos com a obsolência da própria informação e dos meios que a produzem.

Com o auxílio de um sistema eficiente de informações pode-se dispor dos veículos necessários para acompanhar tanto as atividades pedagógicas quanto os seus resultados, desenvolvendo procedimentos interativos, com a possibilidade de redimensionar as informações, agilizar a comunicação e favorecer a troca de experiências, bem como o desenvolvimento de processos colaborativos com outras organizações escolares.

Por outro norte, nessa dinâmica de informação, as atividades pedagógicas ganham força na sua relação interdisciplinar, pois, a ação conjunta pode nutrir-se por informações propagadas pelos professores diariamente, informando sobre o desenvolvimento da sua programação, os possíveis projetos, o rendimento de seus alunos, as dificuldades e/ou facilidades na aprendizagem entre outros.

Nesse mesmo compasso, é importante que o educador instrua e dirija as suas ações de maneira partilhada, que se sinta livre e seguro, pautando-as no universo tecnológico, demonstrando e exemplificando o seu jeito de comungar com o conteúdo, bem como saiba dar oportunidade de o educando construir o seu próprio conhecimento, firmando-o através de suas próprias convicções.

Perrenoud (2000, p. 128) afirma:

Formar para as novas tecnologias é formar o julgamento, o senso crítico, o pensamento hipotético e dedutivo, as faculdades de observação e de pesquisa, a imaginação, a capacidade de memorizar e classificar, a leitura e a análise de textos e imagens, a representação de redes, de procedimentos e de estratégias de comunicação.

Gadotti (2000, p. 209), nessa mesma direção aduz que “a escola não é um espaço físico: é, acima de tudo, um modo de ser, de ver. Ela se define pelas relações sociais que se desenvolve”. É, portanto, nesse sentido, que a mídia deve ser produto da intenção pedagógica, viabilizando determinados resultados, a fim de que os docentes e discentes, numa relação de troca, propõem-se realizar e, assim, atingir seus propósitos individuais.

Para Gadotti (2000, p. 210)

[...] não basta facilitar a aprendizagem com meios mais agradáveis. Uma boa educação deve levar o aluno a sentir a satisfação no próprio ato de estudar. Ele precisa sentir satisfação no que a escola tem de específico, que é a sistematização do conhecimento. Continua válida a antiga tese de que só se aprende aquilo com o qual nos envolvemos profundamente

Ao focar uma metodologia compartilhada da educação fala-se, finalmente, na criação de possibilidades da construção coletiva, utilizando esforço de todas as pessoas para o melhor, sendo, assim, uma democracia de processos permanentes para os fins pretendidos.

A LDB versa em seu artigo 3º, inciso VIII, que o ensino deve ser concebido com base no princípio da “gestão democrática do ensino público, na forma desta Lei e da legislação dos sistemas de ensino”, entre outros; mediante a “participação dos profissionais da educação na elaboração da proposta pedagógica” e a “participação das comunidades escolar e local, em conselhos escolares ou equivalentes” (art. 14º, incisos I e II); mediação ao fato de que serão assegurados “às escolas progressivos graus de autonomia pedagógica, administrativa e de gestão financeira” por parte dos “sistemas de ensino” (art. 15º.) (BRASIL, 1996).

Citando a distinção de uma escola democrática, segundo a LDB, podem-se salientar os seguintes aspectos:

- As autonomias de projetos, direcionados às finalidades de uma educação emancipadora;
- Participação geral nas questões político-pedagógicas, para alcançar objetivos comuns;

- Descentralização das ações e das decisões políticas, pelo compartilhamento, que fomenta a capacidade empreendedora, inovadora e autônoma das equipes de trabalho.

Para bem fazer a mediação entre o indivíduo e a sociedade, a escola festeja, hoje, como uma das mais importantes instituições, por ter na sua práxis o dever de fazer a mediação entre o indivíduo e a sociedade, transmitindo, através de uma pedagogia aprimorada, valores sociais e éticos, os quais cimentam a caminhada em que o educando se socialize, se educa e se humaniza. Por esse entendimento, a escola não pode mais servir-se, apenas, de ferramentas obsoletas, eis que as tecnologias chegaram para instrumentalizar a sociedade como um todo, sobretudo, à educação.

Em reforço à necessidade de se equipar tecnologicamente a escola, Chaves (2006, p. 41) assevera que “a escola tem sido uma das poucas instituições refratárias ao uso da tecnologia num mundo em que quase todas as demais instituições usam a tecnologia para se reinventar e, assim continuar vivas e relevantes”.

Nessa perspectiva concernente às efetivas intervenções educativas, cabe ressaltar que o ensino/aprendizagem estão sendo delineados pela sociedade do conhecimento e isso quer dizer que a escola e suas funções devem ser repensadas para que seu valor e seu significado ainda sejam uma referência.

Novamente Chaves (2006, p. 41)

Para continuar ser relevante, nesse contexto, a escola precisaria se reinventar – como disse, não basta mais se reformar. Ela teria de deixar de se ver como uma das instituições dedicada à geração, preservação e transmissão – presenciais – do conhecimento e da cultura para se tornar um ambiente de aprendizagem rico e flexível, englobando tanto as dimensões presenciais como as virtuais de aprendizagem, e deixando de lado seu ranço livresco e academicista. Ela teria de mudar sua visão de educação: educar não é transmitir saberes, mas participar do processo de desenvolvimento das pessoas, ajudá-las a se tornar, a partir dos seres incompetentes e dependentes que são ao nascer, seres autônomos e competentes [...]

Cumprido salientar, diante disso, que não é somente o professor que tem a função de dar sentido social à educação, através de sua função sócio-política, nem é

ele que tem a função de construir a totalidade do projeto educativo, mas é a prática educativa que se totaliza e tem um compromisso social pela sua dimensão.

A partir do momento em que as escolas realizam a tarefa de rever seus processos, mudando suas ações, estarão propiciando o crescimento de cidadãos. Esses sendo participativos capazes de atuarem em uma sociedade em rede de forma crítica, autônoma, responsável e solidária, capazes também de reconhecer ou refutar diferentes formas de manipulação e submissão, em busca da realização pessoal e da emancipação da sociedade.

3.1 O uso do vídeo como ferramenta pedagógica

A televisão e o vídeo, usados pedagogicamente, representam uma possibilidade positiva para mobilizar os educandos em torno dos conteúdos, o que nos é de exímio auxílio quando tentamos despertar-lhes o interesse para iniciar estudos sobre determinados temas ou trazer novas perspectivas para investigações.

Assim, pode-se proceder a enfoques que se articulam com os conteúdos em desenvolvimento, selecionar o que for significativo para esses estudos, aprofundar a compreensão sobre os mesmos, estabelecendo articulações com informações oriundas de outras fontes, ademais, desenvolver representações diversas que sincronizam forma e conteúdo cujos significados os alunos possam internalizá-los. Segundo Gadotti (2000, p. 213), “a escola, a TV e o vídeo são espaços diferentes e não antagônicos de aprendizagem”.

Nessa dinâmica, o ideal da utilização do vídeo é promover o prazer de aprender, pois se ele não estiver presente, o aprendizado perde a qualidade de sua função, eis que sua função centraliza as múltiplas percepções, uma vez reúne a beleza da palavra e a beleza das imagens. Pontua-se com isso que a construção do conhecimento em si é uma arte para desenvolver no educando a leitura do mundo, apurar suas qualidades, revelar sua inteligência, sua concepção do mundo e de seus ideais.

Para tanto, torna-se imperativo que o professor tenha domínio relativamente ao uso do vídeo e possa, através de suas propostas pedagógicas, atingir os objetivos almejados. Nesse propósito, configura-se uma multiplicidade de

competências distintas, as quais devem ser consideradas para que seu uso seja significativo para os envolvidos e pertinentes ao contexto.

Por oportuno, Wohlgemuth (2005, p. 19) advoga a ideia de que:

A pedagogia audiovisual faz uma opção fundamentada pelo uso do vídeo, acreditando nele como um instrumento significativo para o desenvolvimento de determinados processos sociais. Portanto, o pedagogo audiovisual precisa possuir um bom conhecimento técnico sobre o vídeo, seu uso e suas características para selecionar adequadamente o tipo de equipamento a ser utilizado.

O uso do vídeo na escola pode exemplificar a variedade de recursos que podem ser utilizados em situações de aprendizagem. Além disso, existe a possibilidade de o aluno apropriar-se dos conhecimentos como um meio de representação de suas potencialidades. Por esta razão, enfatiza-se a necessidade de o professor estar apto para que os aspectos envolvidos nessa situação de aprendizagem possam potencializar o desenvolvimento do pensamento cognitivo do aluno.

Como bem elucida Wohlgemuth (2005, p. 12):

A pedagogia audiovisual é uma metodologia de informação, educação e capacitação popular estruturada a partir das características da linguagem audiovisual e criada para o desenvolvimento sustentável no campo e na cidade. Faz uso dos sistemas de produção e reprodução de mensagens, optando pelo vídeo: um instrumento adequado, econômico, flexível e versátil para essas necessidades; um instrumento que oferece grande autonomia no processo de produção de mensagens, além de ser bastante racional na relação entre inversão e resultados.

Desse modo, o conhecimento ganha força para corresponder aos aspectos que demandam sistematização, agregados a um trabalho coletivo, fruto de uma compreensão profunda e crítica acerca da realidade e dos desafios que a cercam, pois a linguagem pedagógica e suas matizes emolduram-se em outra tela.

Perrenoud (2000, p. 137) nessa perspectiva, afirma:

[...] A integração do vídeo ao ensino, sobre o qual, nos anos 70, fundavam-se grandes esperanças, não cumpriu suas promessas, sem dúvida porque era pouco interativa e funcionava nos moldes da sensibilização a certos problemas [...]. A junção do computador e da imagem muda os dados do problema, pois, agora, é possível digitalizar as imagens para fazê-las passar por todo tipo de processamento.

Sob este prisma, o uso do vídeo torna-se um aliado instrumento para a nossa prática educativa, porque requer aperfeiçoamento cultural e precisa ser

devidamente compreendido em termos das implicações do seu uso no processo de ensino/aprendizagem. Esta compreensão é que permite ao professor integrá-lo à prática pedagógica.

Enfim, não mera tautologia, o vídeo pode ser trabalhado de uma forma interdisciplinar. Através dele, aquirem-se conhecimentos mais significativos, embutidos em diferentes performances. Oportuniza-se a prática espelhada na teoria, despertando-o para a curiosidade e para a criatividade, o que verdadeiramente encaminha o educando para sua autonomia e como tal, ser autônomo e assim desenvolver o senso de exercer o verdadeiro papel de cidadão.

3.2 Mídias como promotoras de autoria no aluno

Inicialmente pretende-se elucidar o entendimento, segundo Demo (2009 p.17) sobre autoria, fundamentalmente direcionada ao contexto escolar. Desde sempre a autoria foi concebida como exclusividade de quem cria alguma coisa, fazendo assim uma distinção entre os criadores e os que nada criam.

Trazendo ao texto de Demo (2009, p.17)

[...] Gênios não seriam e não deveriam ser copiáveis. O mundo dos mortais repete e se repete. Essa pretensão aguçou-se ao mercado liberal, com exigências de *copyright*, patente, direitos autorais, propriedade intelectual etc., dentro da lógica de que isso promoveria a inovação pela via da apropriação privada. [...]

Os debates sobre autoria alavancaram vários conceitos, muitas visões e o mesmo autor salienta que essas visões, por vezes, percebem autoria como o ato de interpretar o sentido das palavras de que “toda a interpretação já é interpretação e, por sua vez, será interpretada” (DEMO, 2009 p.17), e com o aproveitamento dos subsídios ofertados pelas mídias emerge a condição de autorias coletivas não tão somente como apropriação individual.

Quanto à questão do aluno autor, inserido em seu ambiente escolar, Demo (2009, p. 17) discorre

Tenho defendido a tese de “educar pela pesquisa” (DEMO, 1996), dentro da convicção de que pesquisa é essencial para o docente e o discente. Ser professor não é dar aula, mas cuidar que o aluno aprenda (DEMO, 2004), bem como ser aluno não é escutar aula, mas reconstruir conhecimento, formar-se, tornar-se cidadão.

Partindo dessa premissa, pressupõe-se que a escola permeia uma relação entre educandos e educadores onde a autorreferência, a interpretação, a observação e a participação dos sujeitos aprendizes ocorram de tal forma que, a construção do conhecimento se dê por conta da reconstrução e reestruturação que partem do que já existe para uma nova criação, tornando assim o aluno autor de uma nova “obra”.

Demo (2009, p.18) elucida com as seguintes palavras:

Não copiamos a realidade, mas fazemos dela uma imagem construída mentalmente, um ato que admite duplo horizonte: de um lado, a manipulamos, “dominamos” em parte, porque construí-la implica sujeito ativo; de outro, mantendo-la independente, porque é impossível apropriar-se dela diretamente o que temos nela é uma abordagem entre outras, possível de reinterpretação infinita.

O comportamento docente deve ser remodelado para podermos corresponder, em especial, às expectativas dos educandos, haja ver que estes trazem consigo conhecimentos prévios, muitas vezes, para eles mais significativos aos que lhes são propostos.

Freire (1992, p. 113) leciona que

Não há outra posição para o educador ou educadora progressista em face da questão dos conteúdos senão empenhar-se na luta incessante em favor da democratização da sociedade, que implica a democratização da escola como necessariamente a democratização, de um lado, da programação dos conteúdos, de outro da de seu ensino.

Nas escolas “do hoje” é importante considerar que o conhecimento, ou a realização de algumas atividades, a que a maioria dos envolvidos se dedica, deve se constituir na forma mais produtiva de o educando empregar seus recursos e energia pessoal. É a forma que eles demonstram seu potencial, ou seja, a avaliação do quanto se sentem realizados e quanto têm construído no seu envolvimento com o aprendizado.

Os paradigmas que até pouco tempo vigoraram, gradativamente, foram perdendo espaços pela mídia. Esses espaços referem-se a outras formas de linguagem, o que permite que os alunos se expressem de diferentes maneiras, pois pautam ações que favorecem o desenvolvimento da consciência crítica sobre a influência da mídia e respectivas estratégias direcionadas a determinados conceitos,

numa dinâmica onde se encontram os significados que se pretende proporcionar na relação com os conteúdos.

A propósito, Wohlgemuth (2005, p. 17) destaca:

[...] as mensagens precisam necessariamente ser funcionais e construídas pelos interlocutores. Portanto, a função de quem trabalha com a pedagogia audiovisual não é a de expressar suas próprias ideias, mas sim de produzir e reproduzir mensagens que permitam o intercâmbio de novas mensagens entre grupos sociais diferentes [...].

Nessa perspectiva, o mesmo autor, na mesma página, salienta que

O essencial é que se reflita as peculiaridades dos grupos que interatuam, uma vez que na reflexão das suas próprias ideias tem início a sua própria expressão, é a autoexpressão pertence ao campo da manifestação artística ou da declaração política, e não ao campo da capacitação popular [...].

Tais pressupostos abarcam os sinais e fatores que antecedem a produção de um vídeo, buscando assim, através das análises e das informações coletadas, evidenciar como o desenvolvimento revela progresso acerca da capacidade de o aluno processar, de forma coesa, informações produzidas pela própria autoria.

Nessa perspectiva, o professor exerce seu compromisso com a aprendizagem de seus alunos, constituindo um processo de atuação no qual privilegia o trabalho colaborativo no que se refere ao planejamento, e respectivas investigações, pois o professor passa a ser o mediador para que o educando construa o próprio conhecimento, assim, orienta-o quanto ao uso das diferentes tecnologias incorporadas ao contexto, de modo a trazer significativas contribuições à aprendizagem.

Para Perrenoud (2000, p. 138)

Uma cultura tecnológica de base também é necessária para se pensar as relações entre a evolução dos instrumentos (informática e hipermídia), as competências intelectuais e a relação com o saber que a escola pretende formar. Pelo menos sob esse ângulo, as tecnologias novas não poderiam ser indiferentes a nenhum professor, por modificarem as maneiras de viver, de se divertir, de se informar, de trabalhar e de pensar.

As mídias utilizadas devem ser selecionadas segundo os objetivos do que se está propondo. Por esse viés, é possível conceber uma educação que envolve o aluno, o professor, as tecnologias disponíveis, a escola em seu contexto e todas as interações que se estabelecem nesse ambiente a caminho da aprendizagem.

Contudo, as tecnologias e mídias impulsionam potencialidades que favorecem o desenvolvimento do aluno sem que o reduzamos em mero número, assim dialeticamente instigando-o a buscar e construir o próprio conhecimento. Articulando com as ferramentas tecnológicas também o professor alicerça-se pela mídia e tecnologias e as explora em função de seus propósitos e de sua dinâmica pedagógica.

Ao construir seu próprio conhecimento, o aluno deixa de ser um mero consumidor de conteúdo e passa a ser também um produtor. Esse binômio produtor/consumidor deu luz ao novo ingrediente da atualidade chamado “prossumidor” que traz em seu bojo a vantagem de um estreitamento da relação entre consumidor e produto ofertado”. A ideia de que as pessoas que usam produtos devem opinar sobre seu design e sua produção não é totalmente nova. Houve vários episódios de criatividade guiada pelos usuários na história da invenção [...] (TAPSCOTT & WILLIAMS, 2007 p. 161).

“Hoje, as apresentações multimídias são espetáculos ‘luz e som’ cada vez mais sofisticados, aos quais podem ser incorporados elementos de síntese” (PERRENOUD, 2000, p. 137). À luz das palavras do autor, considera-se que o papel da mídia é extremamente importante, porque pressupõe novas formas de se compor o universo pedagógico.

A densidade tecnológica que, à primeira vista, repousou sobre um ministério de resistências, não por parte do alunado, mas, sobretudo, por grande parte dos profissionais da educação, ganha, hoje, maior celebração com o advento “prosumer”¹, uma vez que o educador poderá tecer o fio condutor do seu viés multimidiático.

Cabe aqui ressaltar que, segundo Tapscott e Williams (2007, p. 159)

O consumidor realmente co-inova e co-produz o produto que consome. Em outras palavras, os clientes fazem mais do que customizar os seus produtos; eles podem se auto-organizar para criá-los. Os usuários mais avançados, na verdade, não esperam mais um convite para transformar um produtor em uma plataforma para suas próprias inovações.

¹ Termo criado por Alvin Toffler em seu livro A terceira onda. 1980.

Evidencia-se, assim, uma nova organização de tempo e espaço e uma grande diversidade de situações que exigem um posicionamento pedagógico moldado aos ditames de práticas ágeis para se definir caminhos e solucionar problemas relativos às expectativas educacionais.

Ocorre, nesse enfoque do fenômeno das multimídias que o prosumidor é a representação do alunado que chega à escola imbuído de informações e eis a nossa função – temos de transformar essas informações em conhecimento – o que requer desse profissional um constante esforço, pois necessita de inaugurar novas estradas para acompanhar a velocidade com que esse fluxo de informações envolve.

4 ESTUDO DE CASO: A CRIAÇÃO DE VÍDEOS PELOS ALUNOS DAS ESCOLAS DE SANTA TEREZA

O presente trabalho referenda o relato de uma experiência com a utilização de uma metodologia de abordagem qualitativa do tipo estudo de caso, a qual se caracteriza por permitir ao pesquisador um olhar subjetivo, ações diversificadas, a valorização do processo de sua construção e, basicamente se dá de forma descritiva (UFMA, 2010).

Nas palavras de Yin (2001) o estudo de caso “É um método de pesquisa de natureza empírica que investiga um fenômeno, geralmente contemporâneo, dentro de um contexto real, quando as fronteiras entre o fenômeno e o contexto em que ele se insere não são claramente definidas” (apud MELLO, 2010).

O estudo de caso foi realizado nas escolas municipais da zona rural do município de Santa Tereza, localizado na Encosta Superior do Nordeste, a 125 km da capital gaúcha, este com menos de 2.000 habitantes.

Nas escolas municipais localizadas na zona rural do município de Santa Tereza, que aderiu em 2009 ao Programa Escola Ativa, percebe-se que, ainda nos dias atuais, a distribuição dos alunos em classes multisseriadas é fator preponderante. Isso se deve a determinantes tais como: o êxodo rural, a diminuição de filhos por família e conseqüentemente de alunos, a distância das grandes cidades, a má distribuição das terras entre outros fatores que fazem com que se torne inviável o ensino em séries ou anos nas escolas do interior.

Ao todo são seis escolas, somando 44 alunos, distribuídos em classes multisseriadas, desde o 1º ano até o 5º. O educador é unidocente, isto é, exerce a função de único docente e diretor, organizando a escola em sua totalidade (serviços burocráticos, limpeza, merenda), e participa ativamente dos cursos de formação proporcionados pela Secretaria Municipal de Educação.

Todos os docentes são graduados e quem não tem especialização está matriculado num curso de pós-graduação. A grande maioria mora na sede do município e se desloca, diariamente, ao interior para sua respectiva escola.

As escolas estão bem equipadas, tanto física quanto pedagogicamente falando. Todas possuem televisão, DVD, computador, vídeo cassete, rádio e, juntas, uma máquina fotográfica digital. Há nas escolas muito material educativo envolvendo tecnologia, dentre eles, CD-ROM, vídeos, DVDs, fitas, dentre outros.

Em que pese à realidade que abarca as multisseriadas, ou seja, a educação rural no município de Santa Tereza, assim como em municípios adjacentes, como Bento Gonçalves e outros cumpre salientar que, diferentemente das leituras a exemplo de um Sertão nordestino e outras realidades carentes, trata-se, aqui, de uma região farta em riquezas naturais e consequentes riquezas atinentes ao tecido social ao qual debruçamos esse estudo e com isso dizer que a educação rural merece, nesse contexto, não estar dissociada da educação urbana, dadas as condições e a responsabilidade de se oferecer uma educação voltada à tecnologia.

As escolas municipais participam do Programa Escola Ativa, uma iniciativa do MEC (Ministério da Educação e Cultura) em parceria com a UFRGS (Universidade Federal do Rio Grande do Sul), que tem a pretensão de manter as escolas do campo ativas na comunidade, permitindo o acesso a todos, valorizando a cultura e o saber do local.

Para elucidar o que pretende este Programa transcreve-se das Orientações pedagógicas para formação de educadoras e educadores (2005, p.17)

Ao resgatar a dimensão sócio-política da Educação do Campo se exige dos sujeitos educativos distintas formas de organização do trabalho pedagógico e do trato com o conhecimento, apontando tanto para a busca de processos participativos de ensino e aprendizagem, quanto de ação social para a transformação. Dessa maneira a Educação do Campo evidenciará o respeito a diversidade cultural e às realidades que fazem parte das comunidades.

Durante o ano são realizados projetos educacionais, em todas as escolas, observando questões pontuais como: os saberes dos alunos, aspectos regionais, assuntos de relevância na comunidade escolar, enfim, os projetos são pensados com o objetivo de que a partir das indagações se possa elaborar a construção de um conhecimento significativo.

Este é o cenário onde a pesquisa se insere. Na seção 4.1 será abordado o projeto desenvolvido junto às escolas.

4.1 O projeto “O uso de computador e vídeo em classes multisseriadas”

Conforme se elencou nas considerações introdutórias, a presente pesquisa constituiu-se pelo caráter qualitativo, cujo objetivo geral é integrar valores na educação, colocando o educando diante de problemas atuais, criando possibilidades às possíveis soluções através da utilização das mídias, com foco direcionado ao vídeo, para assim, torná-lo um sujeito capaz e autor de seus próprios conhecimentos. Para tanto, procedeu-se a um trabalho que se desenvolveu no município de Santa Tereza – agraciado por rara beleza – com os 44 alunos figurantes das seis escolas municipais existentes na zona rural.

No âmbito desta pesquisa escolheu-se trabalhar a mídia vídeo com os alunos. Para tanto, foi desenvolvido um projeto que foi dividido em etapas: na primeira etapa, as escolas municipais elaboraram o projeto: O uso de computador e vídeo em classes multisseriadas (Apêndice A) buscando integrar todas as escolas multisseriadas que compõem o município de Santa Tereza.

O projeto foi executado por meio de ações. A primeira delas foi uma reunião com todos os professores destas escolas, como nos mostra a Figura 1, visando explicar e construir o projeto, estabelecendo a função de cada um deles dentro do mesmo. Ficou definido que cada escola trabalharia um tema que fosse de interesse de seus alunos.



Figura 1: Reunião de Professores

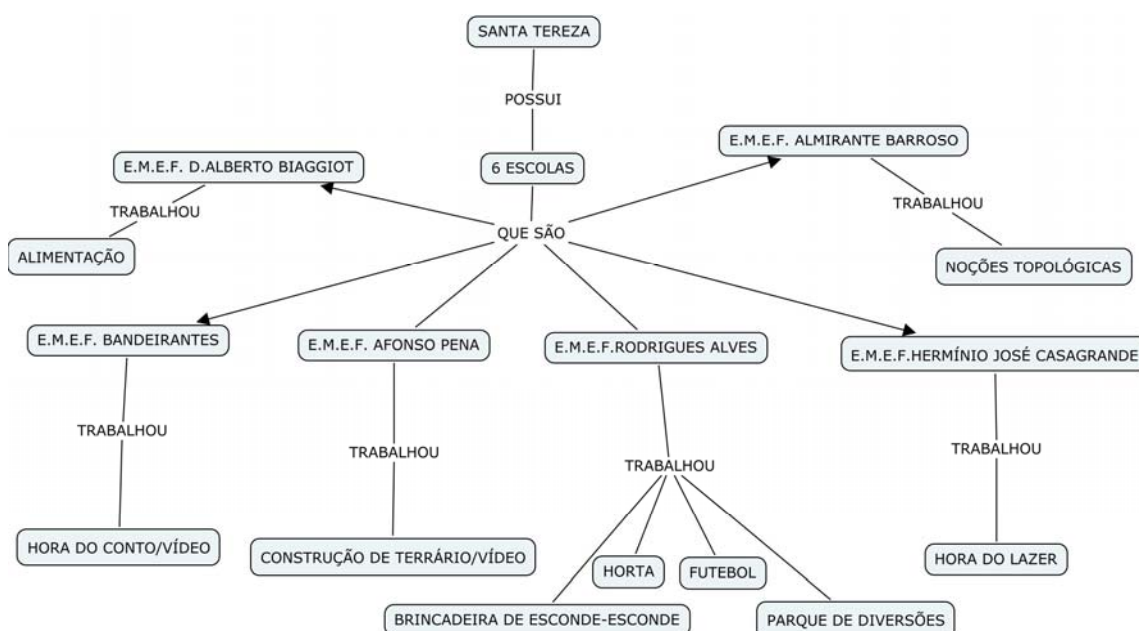
Tal fato se justifica diante da necessidade dos alunos se sentirem autores de seu próprio conteúdo, conforme explicado no capítulo 3. Sendo assim, como autores, não caberia a imposição de determinado tema pelo professor.

O próximo passo realizado no Salão Paroquial de Santa Tereza, conforme mostra a Figura 2, foi expor ao alunado as propostas pensadas e compartilhar com todos as próximas ações a serem desenvolvidas.



Figura 2: Exposição do projeto aos educandos da rede municipal de ensino

A Figura 3 mostra o mapa conceitual com os temas escolhidos pelos alunos de cada escola.



Fonte: autoria própria

Figura 3: Mapa Conceitual

Durante o percurso do trabalho foram realizadas, no telecentro municipal, oficinas com os educadores, objetivando perpassar as inúmeras possibilidades de se trabalhar com mídias e tecnologias na escola, onde o foco inicial se deu para o uso das ferramentas do computador, dentre elas, o Paint, Word e o PowerPoint².

Diante das possibilidades apresentadas, os educadores iniciaram seus trabalhos com o alunado que, individualmente ou em grupo, escolheu temas para serem trabalhados.

Após a escolha dos temas e os desenhos concluídos passaram a imagem para o Paint. Para os alunos que não possuem computador em casa e pouco usam na escola foi oferecida uma oficina, onde professores e colegas se empenharam mediando os caminhos para se chegar ao objetivo dessa fase.

Na sequência fizeram fotos e a partir das imagens construíram o texto e transcreveram-o na ferramenta Word. Nessa etapa alguns alunos necessitaram a ajuda de colegas maiores, pois encontravam dificuldades na digitação. Tal fato vai ao encontro do que foi abordado anteriormente no segundo capítulo sobre a possibilidade de troca de experiência entre alunos mais avançados e alunos menos, quando em classes multisseriadas. A importância do trabalho em grupo como fomentador das discussões, do trabalho colaborativo e conseqüentemente da construção de conhecimentos. Dando prosseguimento houve a edição do texto no programa PowerPoint usando movimento, som e as imagens.

A figura 4 representa as atividades descritas acima. Esta primeira etapa, conforme informado anteriormente funcionou como base para a criação dos vídeos. Neste trabalho, o foco principal é a criação destes pelos alunos e como este processo se desenvolveu.

² Vale ressaltar que esta etapa, embora prévia à etapa do vídeo, é tema do trabalho desenvolvido pela professora Dinalva Vivan Soligo e por isto não será detalhada aqui.

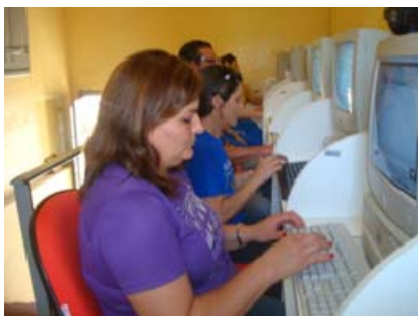


Figura 4: Educadores e Educandos durante as oficinas e atividades.

4.2 A criação dos vídeos

Após as primeiras etapas concluídas, e em observância ao cronograma (Apêndice B) no final do mês de outubro, na Câmara de vereadores, foram oferecidas oficinas de vídeo, conforme registro na Figura 5, com duração de uma hora, para manuseio e a utilização da máquina fotográfica digital pelos educadores com a intenção de que, no momento da elaboração do vídeo pelos educandos, o educador pudesse auxiliá-los, se necessário. A escolha da máquina digital foi em decorrência do fato das escolas já possuírem uma, conforme foi apontado anteriormente.



Figura 5: Professores na oficina de vídeo.

Considerando oportuno traz-se ao texto Wohlgemuth (2005, p. 19)

A pedagogia audiovisual faz uma opção fundamentada pelo uso do vídeo, acreditando nele como um instrumento significativo para o desenvolvimento de determinados processos sociais. Portanto, o pedagogo audiovisual precisa possuir um bom conhecimento técnico sobre o vídeo, seu uso e suas características para selecionar adequadamente o tipo de equipamento a ser utilizado.

Agora, com noções sobre o funcionamento da máquina fotográfica digital foi a vez dos professores irem para a sala de aula e a partir dos conhecimentos prévios dos alunos trocarem informações sobre como fazer as filmagens. Era o momento de organizar como seria realizado o filme, ou seja, quem faria o quê.

Na Escola Municipal de Ensino Fundamental Hermínio José Casagrande foi unânime a escolha da aluna com Síndrome de Down, para as filmagens por conta de ela ter uma câmera fotografia digital e, segundo os colegas, saber mexer mais. E coube a ela então as filmagens daquela escola, conforme nos mostra a Figura 6. Os demais alunos participaram como atores, ora falando ora demonstrando o tema por eles escolhido.



Figura 6: Aluna³ da EMEF Hermínio José Casagrande filmando

³ Os responsáveis pelos alunos autorizaram o uso de suas imagens.

Vale destacar que a autora esteve presente na produção de vídeo da Escola Municipal de Ensino Fundamental Afonso Pena, constituída por cinco alunos, sendo um deles portador de necessidade especial, o qual fez a filmagem, enquanto os outros educandos explicavam a “Construção do Terrário”, tema escolhido por eles, por conta de uma experiência observada no livro de ciências. Na proposição dessa atividade o menino incluso sentiu-se presente, atuante e participante do processo educativo, pelas palavras dele, entendeu-se que: “Me senti importante filmando, fiquei nervoso com medo de errar. Gostei muito de participar da atividade, filmar os colegas foi muito legal, eu olhava o meu colega filmando e ele explicava tudo sobre o ciclo da água. Eu achei bom ajudar”.

E como foi numa oportunidade em que outras escolas estiveram presentes e puderam assistir o menino filmando, foi bem interessante o depoimento deles no final da produção. E para elucidar a percepção do momento, um conceito importante da pedagogia audiovisual pode ser demonstrado pela pirâmide da aprendizagem (Figura7) que mostra os índices de lembrança da informação em diversos formatos. (MEISTER, 1998, apud VALIUKENAS e ROSA, 2004, p. 44)



Figura 7: Pirâmide do Aprendizado. Fonte: Adaptado de MEISTER (1998)

Os alunos entenderam a atividade realizada, observaram através dos desenhos criados, do texto construído, do momento da construção e observação do terrário e, finalmente com a produção do vídeo, que foi uma releitura da experiência

do livro, do quanto foi significativo o envolvimento e o prazer de poder fazer, de poder mostrar aos outros alunos da rede municipal a re (construção) de suas autorias.

Durante as gravações realizadas nas respectivas escolas municipais, segundo temas especificados no mapa conceitual anteriormente exposto, e em observância ao cronograma por conta da edição do filme, foi possível observar que os alunos que ficaram com a tarefa de fazer as filmagens não gostaram muito, pois não apareceram nos vídeos e o nervosismo ao manusear a máquina fotográfica digital foi perceptível. O aluno X da Escola Municipal de Ensino Fundamental Rodrigues Alves relatou: “Adorei fazer a filmagem, mas foi difícil acompanhar os atores durante a movimentação da cena, e a imagem ficou um pouco tremida.”

Faz-se necessário trazer ao texto que na Escola Municipal de Ensino Fundamental Almirante Barroso durante as gravações houve mudanças de papéis e da conversa entre os alunos a decisão: a aluna Y que era atriz teria mais condições de fazer a filmagem, porque envolvia muita fala e o aluno W estava muito nervoso, sua fala saia tremida e pausadamente, e no entender dos alunos não ficava bom.

Ainda julga-se importante registrar que os alunos da citada escola tiveram a ideia de falar das noções topológicas, porque o desenho era de um coqueiro, o qual tinha muitos coquinhos e era difícil alcançá-los. As situações em cima e embaixo, frente e atrás, dentro e fora foram dando espaço para a filmagem e eles foram muito criativos. O aluno Z ousou em falar sobre os Pontos Cardeais, dando uma aula aos que se encontram em anos inferiores.

Dando sequência à execução do planejamento, na Câmara de vereadores de Santa Tereza, munidos de *notebook* e *datashow* foi realizada a oficina do Programa Movie Maker e foram perpassadas informações aos professores e alunos a respeito da edição do vídeo, dentre elas: importação de vídeo, importação de imagens e música, como adicionar títulos, efeitos, transições, como salvar filmes utilizando o referido programa, conforme mostram as Figuras 8 e 9. Foi um momento de troca, informações e de expectativa.

Cada escola munida de seu vídeo querendo saber como fazer para por os efeitos no que haviam filmado.



Figura 8: Alunos durante a edição dos vídeos



Figura 9: Professores e alunos durante a edição dos vídeos

Não foi uma tarefa fácil. Os alunos de cada escola queriam ver o produto final, também nessa fase tinham medo de errar, um achava que tinha que ter o nome da escola, o outro sugeriu o nome dos colegas, o outro disse que o nome da professora tinha que aparecer. Todos respeitavam a opinião do colega. Cada aluno teve a oportunidade de fazer intervenções no vídeo da sua escola. Demorou muito para cada edição ficar pronta.

Cabe transcrever quando da edição do vídeo da Escola Municipal de Ensino Fundamental Almirante Barroso, tendo em vista que, os alunos da escola citada, optaram em deixar como som de fundo o cantar dos passarinhos e não quiseram acrescentar música em partes da filmagem que o editor de vídeo permitia. Consideraram oportuno deixar registrado um pouco da fauna da comunidade, perpassando aos colegas a conscientização de que “não podemos matar passarinhos, eles precisam ficar vivos, porque o canto deles é lindo”.

Após o término da edição conversou-se com os educandos sobre a experiência e as respostas foram muito positivas, a aluna H da Escola Municipal de Ensino Fundamental Dom Alberto Biaggiotti falou que “foi muito legal e aprendi a

editar o filme e a botar os efeitos no filme, não sabia que existia esse Programa Movie Maker no computador”. O aluno Z da Escola Municipal de Ensino Fundamental Almirante Barroso relatou que “gostei de vir a Santa Tereza editar o filme, botar um monte de efeitos, botar música e muitas coisas.”

Passada a fase da edição foi o momento dos educandos e educadores assistirem o trabalho realizado por eles, conforme registra a Figura 10. E, esse foi um momento enriquecedor por conta da troca do conteúdo que cada vídeo apresentava, e porque cada qual tanto os que filmaram quanto os que foram os atores sentiram-se autores do produto final. Era visível a alegria de mostrar e ao mesmo tempo ensinar e/ou contar aos colegas como se deu o projeto em cada escola.



Figura 10: Alunos e professores assistindo aos vídeos editados

Os educadores, ao responderem às perguntas do questionário (Apêndice C), apontaram pontos positivos em relação ao trabalho realizado, dentre eles destacaram que a produção de vídeo estimulou a criatividade, favoreceu o trabalho colaborativo e a produção autônoma do aluno. E também, expressaram as dificuldades no manuseio dos programas existentes nos computadores, por conta de não possuírem conhecimento.

Para finalizar ressaltaram a importância de mediar atividades onde se promova a autoria do aluno e conseqüentemente tornando-o mais autônomo, capaz de tomar decisões necessárias à vida e assim vir a ser um cidadão comprometido socialmente.

E cabe trazer ao texto que os educadores, da rede municipal de Santa Tereza, que hoje atuam nas classes multisseriadas, têm sua formação oriunda de

universidades onde o sistema de ensino não preconizava desenvolver a habilidade de autoria. Demo elucida com clareza

No centro dessa discussão está a autoria, no professor e no aluno. Ocorre, em geral, que o professor – também universitário (DEMO, 2004d) – não é autor, já que sua (de) formação original, tendo “estudado” com professores não autores (só davam aula), não atingiram a habilidade de autoria, revidando, agora em sala de aula, o mesmo resultado. Não se trata de culpa, má vontade, nem mesmo de descompromisso necessariamente, mas de consequência do sistema instrucionista reinante na universidade e na escola. (DEMO, 2009, p.17).

Fugindo a essa condição de docentes não autores, a proposta de uma nova postura, um novo paradigma, uma nova concepção, um novo olhar para os alunos, surgem possibilidades de reinvenção, de um ambiente escolar constituído de autorreferências, para que ocorra a reconstrução do saber. Para que se façam leituras de mundo e nesse sentido discorre Demo:

Não está em jogo apenas saber construir texto próprio dotado de interpretação argumentada. Está sobretudo em jogo a cidadania que sabe pensar para poder melhor intervir. Por trás de um texto bem arquitetado emerge a possibilidade de, interpretando crítica e autocriticamente a história, produzir alternativa. Há nisso, pois, um sentido primeiro prático imediato: forjar alunos com habilidade reconstrutiva própria de sujeito autorreferente e autopético, dotado da capacidade de questionar e autoquestionar-se. (DEMO, 2009, p. 20).

E esse foi o primeiro passo, dentre tantos que serão dados, buscando continuamente o educando autor no processo ensino aprendizagem, bem como um educador que compartilhe dessa condição e, efetivamente assuma a autoria em seu desempenho como profissional e vá ao encontro da afirmação de Demo (2009) quando nos fala que a autoria é a habilidade básica para alunos e professores, recriarem, reinterpretarem e significativamente darem espaço às re(construções) dos saberes.

Embasados em Neves (2010) considera-se

A pedagogia da autoria é intencional, profunda e ética. Parte do conhecimento que está produzido fica disponível em livros, revistas, jornais, televisão, vídeos, internet, CDROMs, DVDs, dicionários, etc. Mas não para aí: a partir da exploração, análise e da experimentação diretas de todos esses recursos, os professores e alunos expressam-se por meio de suas próprias produções, também utilizando esses mesmos recursos: textos, internet, vídeos, programas de rádio etc., inclusive combinando-os entre si. O compartilhamento do processo de produção e a avaliação dos produtos geram novas análises, visões interdisciplinares e novas produções, impulsionando um contínuo crescimento.

Nesse sentido a mesma autora conceitua a pedagogia da autoria como estimuladora do uso de diferentes linguagens com o propósito de promover a autoria, o reconhecimento as mais variadas construções e nesse ínterim perceber os alunos e professores como sujeitos construtores de saberes.

Ao término das atividades propostas, ao longo desses meses, os envolvidos no projeto enfrentaram juntos às dificuldades e a cada oficina realizada, seja ela do uso de ferramentas do computador, o uso da máquina fotográfica digital ou a edição do próprio vídeo, percebeu-se que as aprendizagens foram muito gratificantes. A cumplicidade, o envolvimento percebido estimulava a continuidade de um trabalho que foi árduo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A preocupação inerente às multisseriadas foi o grande motivo para a realização deste estudo, pois, não é admissível que, em uma era sumamente globalizada, muitas realidades onde estão inseridas tais modalidades educativas, atue-se de maneira desajustada aos ditames do atual alinhamento educacional, não por não se privilegiar os princípios básicos da educação, mas por não promover, em muitas situações, a remoção dos paradigmas que as alicerçaram e demarcaram vieses de caráter excludentes a essas escolas e, principalmente, às do meio rural.

As várias experiências de uso das mídias, mais precisamente o vídeo, no ambiente escolar, elencadas na hipótese de que é possível promover os alunos das classes multisseriadas à autoria do próprio conhecimento garantiram lugar certo na nossa prática, pois na oportunidade desafiadora de trabalhar com o vídeo, à luz dos estudos que se propôs, tais ações resultaram mais proveitosas e enriquecedoras sob o ponto de vista que elas potencializam, contribuindo, indubitavelmente, para uma ação pedagógica renovadora.

O grande avanço tecnológico trazido pelo século XX demarcou, sobretudo, a produção do conhecimento; entretanto, os desafios, na esfera educacional, se intensificaram e revelam, ainda hoje, algumas contradições que estão presentes em determinados espaços educativos, como na educação do meio rural, sinalizando para a necessidade de se engajar a dinâmicas mais coesas relativamente à realização que o ensino/aprendizagem merece nas realidades multisseriadas.

Nos dias de hoje, convive-se com uma série de interrogações que cercam a prática educativa, mas tem-se a certeza de que é preciso delinear novos caminhos, principalmente, se a pretensão for avançar na direção de uma escola que promova espaços à diversidade de pensamentos e culturas, bem como ao diálogo com as distintas formas de expressão de ideias, articuladora de saber, com informações e dados advindos de outras fontes e de outros segmentos da sociedade.

Os projetos de desenvolvimento nas escolas, sejam elas na zona urbana ou rural, por sua vez, devem priorizar soluções para os problemas da realidade em que estas estejam inseridas, a fim de se recuperar a qualidade do ensino e privilegiar a tão preconizada cidadania, de forma que se evoque o verdadeiro sentido da educação, tendo-se em vista, *a priori*, os direitos individuais, coletivos, sociais de todo cidadão.

A história da educação carrega em si marcas que subjazem de concepções de educação e de culturas decorrentes do desenvolvimento sócio político, norteadas por políticas educacionais que traduziram as bases pedagógicas. Assim, adaptavam-se a uma forma específica de ser, com métodos próprios, conteúdos, avaliação e relação professor-aluno o que hoje já inspira a uma ação mais dialética do conhecimento.

Nessa mesma caminhada que deleita-se o entendimento da história da educação brasileira, cumpre salientar que o Humanismo Tradicional, o Humanismo Moderno e o Tecnicismo inspiraram concepções pedagógicas expressas no sistema educacional, permeando todo o processo escolar até a prática pedagógica. Essa prática, todavia, se caracterizou pela sobrecarga de informações, o que torna o processo de aquisição de conhecimento, muitas vezes, burocratizado e destituído de significação.

É nesse sentido que a educação carece inserir-se no universo da informação/informatização, o que não significa meramente ter acesso à tecnologia de informação e comunicação, quer dizer sim saber utilizar essa tecnologia para o fortalecimento das informações que circundam a esfera educativa, permitindo que o educando compreenda o mundo e possa atuar na transformação de seu contexto.

A mídia tem vínculo direto com o saber científico, todavia, não basta colocá-la à disposição do educando e transformá-lo em um autodidata; o ensino/aprendizagem pressupõe organizar situações de aprendizagem, criar condições que favoreçam a compreensão da complexidade do mundo, do contexto, do grupo, do ser humano e da própria identidade. Isso diz respeito aos conteúdos e sua importância, articulando-se caminhos na busca de diferentes formas e fontes para fornecer informações relevantes que propiciem a aprendizagem significativa.

Nessa perspectiva, a aprendizagem constitui um processo de construção do educando co-autor do próprio conhecimento, todavia o papel do educador, nesse percurso, vai além de proporcionar condições que favoreçam a participação, a comunicação, a interação de ideias dos alunos; o professor passa a dirigir as cenas e contracenar e a livre participação do aluno, assim como a interação que gera a co-autoria e a articulação entre informações e conhecimentos, com vistas a construir novos conhecimentos que levem à compreensão do mundo e à atuação de parcerias para se construir o conhecimento num movimento recíproco.

Devo ressaltar que trabalhar com alunos e professores do município de Santa Tereza, compelindo-os à co-autoria do próprio conhecimento, da própria prática e da aprendizagem individual e grupal, conduziu-nos a uma relação de profundo estreitamento afetivo e uma gratificação profissional e pessoal inenarráveis.

Num dos encontros programados o que marcou foi à fala de um menino que não tem computador em casa e que espontaneamente relatou: “Que bom poder fazer o desenho no *Paint*, tive dificuldades, não conseguia desenhar as pessoas e então o meu colega que sabia me ajudou, eu aprendi muito”. Ou em outro momento quando a aluna do primeiro ano da Escola Municipal de Ensino Fundamental Hermínio José Casagrande, com seis anos de idade, se empolgava fazendo os escritos do texto criado pelo grupo, enquanto a colega maior ditava as palavras.

Quando concluída toda a parte anterior às filmagens que faziam parte do Projeto “O uso de computador e vídeo em classes multisseriadas” os educandos migraram para as filmagens dos temas escolhidos. E no momento da gravação do vídeo na Escola Municipal de Ensino Fundamental Afonso Pena, foi possível perceber o envolvimento de todos, desde a ideia da construção do terrário até as filmagens. Eles fizeram as combinações para definir quem faria o quê, as decisões tomadas e os argumentos elencados foram pertinentes.

Por outro lado, a grande dificuldade deste estudo revelou-se na medida em que os quadros de referências sobre as multisseriadas se esgotavam exatamente por inexistirem. A relação que angustia ficou calcada na reflexão sobre a qualidade do caráter pedagógico destes espaços, sendo que, além do parco respaldo da Lei de Diretrizes e Bases (LDB), outras fontes pouco tiveram a oferecer.

O julgamento por si só não se sustenta, tendo em vista que cada região traz consigo suas particularidades e também suas condições. Nesse sentido, falar das multisseriadas que se efetivam na realidade, objeto deste estudo, que é Santa Tereza, é bem diferente de tecer juízo relativamente às multisseriadas que ocorrem em outras regiões do Brasil, tendo-se ciência, pelo que se depreende dos veículos de comunicação, de que há situações por este Brasil afora em que as multisseriadas acontecem em situações precárias e que carecem de um efetivo acolhimento; refletir para circunscrever apenas não traz resultados.

Daí a grande necessidade de se dar relevância ao enfoque “igualdade para todos”, dadas as circunstâncias e diversidades em que as multisseriadas ocorrem, destacando-se, ainda, a controvérsia entre o que quer o poder político e o que queremos nós - profissionais da educação. Sendo que a formação cognitiva do conhecimento dentro de um modelo racional como forma de produtividade não é só o que se quer da educação; o que queremos é a formação de indivíduos como força de ação social, política, de aumento de produtividade sim, mas escalonada para o futuro.

Impõe-se, então, atenuar os dilemas que acenam para as escolas multisseriadas; regatá-las do anonimato, rever certos conceitos e dar abertura a um enfoque fortalecedor. Por isso, trabalhar em favor dessas demandas será de suma importância, assim como avançar nos trabalhos pedagógicos com a integração das tecnologias no processo educacional das mesmas. E, assim, registro aqui minha intenção futura, que é dar continuidade e contribuição literária para que as multisseriadas tornem-se uma aliança de aproximação das demais realidades educacionais.

Assim, acreditamos que tecer continuamente criando e, muitas vezes, desfazendo estratégias que se inter-relacionam com a integração de diferentes tecnologias, com a linguagem da mídia, conjugadas às teorias educacionais e à aprendizagem dos educandos, é o mesmo que tecer a teia do próprio conhecimento é locupletar-se, direcionando a melhoria de atuação e produções, transformando-me para, assim, poder transformá-los.

REFERÊNCIAS

- AQUINO, Julio. **Erro e fracasso na escola**. São Paulo, Summus, 1997.
- ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **História da Educação**. 1ª. Ed. São Paulo: Moderna, 1989
- ARROYO, Miguel G et al. **Da escola carente à escola possível**. São Paulo, Brasil, 1991.
- BEISIEGEL, Celso de Rui. Alfabetização de jovens e adultos: desafios do século 21. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília: v. 84, n. 206/207/208, p. 21 , jan./dez., 2003.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **De angicos a ausentes: 40 anos da educação popular**. Porto Alegre: MOVA-RS: CORAG, 2001.
- BRASIL. Ministério da Educação/FNDE – Diretoria de Programas Especiais Fundescola - **Programa Escola Ativa: Guia para a formação de professores da Escola Ativa**. Brasília, 2005
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) - Ensino Fundamental**. Brasília: MEC / SEF, 1997.
- BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **Lei Nº 9.394/96: Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília: MEC, 1996.
- BRUNER, Jerome. **A cultura da educação**. Porto Alegre: Artmed, p. 97. 2001.
- CAVALCANTE, Meire. Sala Multisseriada – como vencer o desafio. **Revista Nova Escola**. Maio. Ano XIX- nº 172- maio/2004, p. 50.
- CHAVES, Eduardo O. C. A escola, o professor e a tecnologia. **Carta na Escola**, São Paulo: n. 10, p. 41-43, out. 2006.
- CNE. Resolução CNE/CEB 1/2002. Diário Oficial da União, Brasília, 9 de abril de 2002. Seção 1, p. 32.
- DEMO, Pedro. **Educação Hoje: “Novas” Tecnologias, Pressões e Oportunidades**. São Paulo: Atlas, 2009.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

GADOTTI, Moacir. **Perspectivas atuais da educação**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

HOUAISS, A. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

MADEIRA, Felicia Reicher & MELLO, Guiomar Namó de. **Educação na América Latina: teoria e realidade/** (coordenadores). – São Paulo: Cortez: autores Associados, 1985.

MELLO, Carlos. Métodos Qualitativos: Estudo de Caso. Disponível em http://www.carlosmello.unifei.edu.br/Disciplinas/Mestrado/PCM-10/Slides-Mestrado/Metodologia_Pesquisa_2010-Slide_Aula_10_Mestrado.pdf, Acesso em 20nov.2010.

MOLINARI, Claudia. A diversidade ajuda no avanço de classes multisseriadas. In **Revista Nova Escola**. Abril. Ano XXIV- nº 219 – JAN/FEV/2009.

NEVES, Carmem Moreira de Castro. **Pedagogia da Autoria**. <http://www.senac.br/BTS/313/boltec313b.html>>. Acesso em: 16 de novembro de 2010.

PERRENOUD, Philippe. **10 novas competências para ensinar**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

SILVA, Delcio Barros da. **As principais tendências pedagógicas na prática escolar brasileira e seus pressupostos de aprendizagem**, disponível em http://www.ufsm.br/lec/01_00/DelcioL&C3.htm, Acesso em 15 nov.2010.

TAPSCOTT, Don & WILLIAMS, Anthony D. **Wikinomics: como a colaboração em massa pode mudar o seu negócio/ tradução de Marcelo Lino**. – RJ: Nova Fronteira, 2007.

UFMA. Pesquisa Qualitativa. Disponível em <http://www.pgsc.ufma.br/arquivos/pesquisaqualitativa.pdf> Acesso em 20nov.2010.

VALENTE, José Armando (org.) **O computador na Sociedade do Conhecimento**. Campinas, SP: UNICAMP-NIED, 1999.

VALIUKENAS, Cristina; ROSA, Paulo Ricardo da Silva. A construção do ensino-aprendizagem na educação corporativa. **Intermeio**: Revista do Mestrado em Educação, Campo Grande, MS, v. 10, n. 19, p. 40-57 2004. Disponível em: <http://www.intermeio.ufms.br/revistas/19/19artigo04.pdf>: Acesso em: 14 dez. 2010.

VIEIRA, Alexandre Thomas. **Construindo uma Nova Escola**. In: VIEIRA et al. Formação de gestores escolares para a utilização de tecnologias de informação e comunicação. São Paulo, SP: Takano Editora e Gráfica, 2002.

WOHLGEMUTH, Julio. **Vídeo Educativo: Uma Pedagogia Audiovisual**, Brasília: Senac, 2005.

APÊNDICE: A – Projeto “O uso do Computador e Vídeo em Classes Multisseriadas”

PROJETO: O USO DO COMPUTADOR E VÍDEO EM CLASSES MULTISSERIADAS

TURMAS ATENDIDAS: 1º, 2º, 3º, 4º, 5º ano e 5ª séries.

PERÍODO: 08 de setembro de 2010 a 10 de dezembro de 2010.

JUSTIFICATIVA:

Percebendo que as Mídias e tecnologias estão cada vez mais presentes na vida dos educandos justificamos o referido projeto com o intuito de levar as mídias aos bancos escolares integrando-as nas diferentes disciplinas de forma que proporcionem momentos de aprendizagens de aspectos dinâmicos, colaborativos e prazerosos.

OBJETIVO GERAL:

- Desenvolver a produção de texto utilizando o computador e a produção de um vídeo a partir de situações vivenciadas pelos educandos, para que os mesmos possam se sentir autores do processo ensino aprendizagem.

OBJETIVO ESPECÍFICOS

- ✓ Estimular o pensamento através da narrativa de uma foto imaginária;
- ✓ Desenvolver a criatividade e a produção escrita a partir de imagem desenhada;
- ✓ Promover a utilização de aparelhos fotográficos para que os educandos percebam os diferentes enquadramentos (plano geral, plano aberto, plano médio, plano americano, close, super close);
- ✓ Desenvolver análise das fotos selecionando-as para compor o story board;
- ✓ Reconhecer as principais ferramentas do editor de textos, do paint e do PowerPoint para organizar a composição (narração/ áudio/texto)
- ✓ Proporcionar situações onde ocorra a definição por parte dos educandos, dos papéis que irão executar na gravação do vídeo;

- ✓ Promover uma avaliação onde serão observados o local e os recursos necessários para a filmagem;
- ✓ Estimular a participação de todos no processo de edição do vídeo;
- ✓ Desenvolver o raciocínio lógico matemático, através de atividade correlacionadas (ângulo, área, perímetro, relação termo a termo, seriação, classificação, dentre outros)
- ✓ Coletar dados para a realização de relatórios, gráficos das experiências realizadas;
- ✓ Promover a criação artística a partir das imagens feitas (fotos)
- ✓ Favorecer o desenvolvimento psicomotor através de representações pertinentes às filmagens;

METODOLOGIA

Para a realização do referido projeto serão utilizadas diversas metodologias como: contação de histórias, oficinas de PowerPoint e edição de vídeo, experiências, relatos escritos, ilustrações, representações, produção de PowerPoint e vídeo, apresentações dentre outras tantas.

RECURSO UTILIZADOS:

- ✚ Material didático pedagógico;
- ✚ Computadores;
- ✚ Celulares;
- ✚ Máquina digital;
- ✚ Pen drive, cds;

AVALIAÇÃO

O projeto será avaliado durante toda sua execução observando-se: a participação nas atividades propostas, o interesse dos educandos em utilizar as mídias em sua aprendizagem, a apresentação dos trabalhos, a organização e o conhecimento construído bem como a participação e colaboração de todos na produção dos textos e vídeos.

APÊNDICE: B – Cronograma

PRÉ-PROJETO

TÍTULO PROVISÓRIO: O USO DO VÍDEO NAS CLASSES MULTISSERIADAS: PROMOVENDO AUTORIA

AUTORA: Sirley Morello Cella

PÓLO: Caxias

ORIENTADORA: Valéria Machado da Costa

SUMÁRIO PROVISÓRIO:

1. Introdução
2. O desafio da educação na escola multisseriada
 - 2.1 Breve histórico da educação multisseriada
 - 2.2 Desafios do trabalho pedagógico nas classes multisseriadas
3. Uso das mídias na educação – Vídeo
 - 3.1 O uso do vídeo como ferramenta pedagógica
 - 3.2 Como as mídias podem ser usadas na educação para promover a autoria do aluno.
4. Estudo de caso: O uso da mídia nas escolas municipais (após confirmação te enviaremos o nome certo das escolas)
 - 4.1 A produção de um vídeo a partir de produções textuais
5. Considerações finais

CRONOGRAMA:

MESES SEMANAS	SETEMBRO			OUTUBRO				NOVEMBRO				DEZEMBRO				JANEIRO			
	2ª	3ª	4ª	1ª	2ª	3ª	4ª	1ª	2ª	3ª	4ª	1ª	2ª	3ª	4ª	1ª	2ª	3ª	4ª
Oficina de de powerpoint	x																		
Coleta de imagens		x	x																
Produção textual				x	x	x													
Oficina de vídeo							x												
Produção de vídeo								x	x	x	x								
Apresentação do vídeo												x	x						

APÊNDICE: C– Questionamento realizado com professores em relação
atividades desenvolvidas na escola referente ao projeto: **“O uso do Computador e
Vídeo em Classes Multisseriadas”**

Relatório das atividades desenvolvidas na escola referente ao projeto: O uso do
Computador e Vídeo em Classes Multisseriadas

Nome da Escola:

.....

Nº de Alunos por série:

.....

Nº de professores:

Professor escreva os pontos positivos, negativos e considerações dos alunos em
cada etapa do trabalho.

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

1ª Como foi escolhido o tema para a produção do vídeo?

.....

.....

.....

.....

.....

2ª Para a filmagem que aparelho foi utilizado (máquina fotográfica digital, filmadora. Celular, dentre outros)? Qual foi o motivo da escolha?

.....

.....

.....

.....

3ª Como foram escolhidos os atores e os produtores para a produção do vídeo?

.....

.....

.....

.....

.....

4ª Quais foram as dificuldades encontradas?

.....

.....

.....

.....

.....

5ª Como foi editado o filme?

.....

.....

.....

.....

6ª Você acha importante formar o aluno para ser autor de seu próprio conteúdo?
Por quê?

.....

.....

.....

.....

7ª Você acha que essa metodologia pode ser aplicada em outros momentos, para outros conteúdos, em suas aulas?

.....

.....

.....

.....

.....